

ARLETTE FARGE, A TRAJETÓRIA DE UMA HISTORIADORA¹Entrevista com Laurent Vidal²Tradução: Jaqueline Silva de Macedo³

Laurent Vidal: Se muitos historiadores têm cedido a tentação da ego-história, você parece ter procurado ficar distante deste movimento. Poderia ainda assim nos esclarecer sobre a maneira pela qual você veio a ter o gosto pela história?

Arllette Farge: Eu não sei muito como te responder, já que eu não comecei meus estudos superiores pela História, mas pelo Direito. E depois, um professor da faculdade de Direito, suficientemente sensível, me disse um dia que meu lugar não era lá. Ele me fez conhecer um professor de História, Robert Mandrou, que trabalhava na época sobre a marginalidade. E desde que eu o conheci eu efetivamente mudei de estrada, e trabalhei mais particularmente em História.

Encontros: de Robert Mandrou a Michel Foucault

L.V: Com R. Mandrou começa então sua carreira de historiadora...

A.F: Sim, é isso. Pois naquele momento o que tinha de importante em conhecer R. Mandrou e toda a equipe que gravitava em torno dele, era não somente se aproximar de um homem com uma personalidade muito forte e muito rica, um homem muito irônico, mas também de ter contato com o que ele chamava "este solo imenso que nunca tinha sido descoberto", o dos arquivos judiciais. Chegando então da disciplina jurídica, e já que se tratava de arquivos de polícia, eu tinha lido que aquilo poderia me interessar. Na verdade, meu primeiro encontro

¹Esta entrevista foi realizada para um público estudante em 14 de dezembro de 2001 na universidade La Rochelle e Publicada na revista *Génèses*, 2002/3 n. 48, p. 115-135.

²Professor (1ª classe) de História Contemporânea da Universidade de la Rochelle (Faculté des Lettres, Langues, Art et Sciences Humaines – FLASH) e diretor de pesquisa em História do Brasil no Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (Université de Paris III Sorbonne Nouvelle). Diretor da pós-graduação em História da Universidade de La Rochelle (Relations Internationales et Histoire du monde Atlantique) e diretor-adjunto do Centre de Recherche em Histoire Internationale et Atlantique. Também é sócio correspondente estrangeiro do IHGB.

³Discente do Programa de Mestrado em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: macedo.js@bol.com.br

é com os manuscritos, aqueles deste solo imenso e imensamente rico. Eu também fui tomada pela emoção que existia em abrir maços de arquivos que nunca tinham sido abertos antes, com a consciência de estar sobre um terreno absolutamente virgem, totalmente novo em História. Sem contar que como eu tinha sido formada no curso de Direito, eu era inocente em História e portanto eu tinha um olhar novo sobre estes arquivos. Graças, portanto, a R. Mandrou e as pessoas que o cercavam e, porque nós trabalhávamos muito em equipe, eu comecei uma tese sobre os roubos de alimentos em Paris no século XVIII⁴. Eu mergulhei nos arquivos de polícia, no centro deste fluxo de vida que chega até nós por intermédio dos manuscritos. É assim que isso começa...

L.V: Na ocasião da publicação desta tese você teve um outro encontro determinante, com Philippe Ariès...

A. F: Sim, e no entanto eu não estou em condições ainda, no momento do nosso primeiro encontro, de mensurar a sorte que será a minha. Ph. Ariès é diretor da coleção da editora Plon. Ele tem a reputação de nunca hesitar e ir procurar obras bastante originais. É assim que ele publicou a *Histoire de la Folie* de Michel Foucault⁵ enquanto seu manuscrito tinha sido recusado por várias outras editoras. Quanto ao *Vol d'aliments*, ele acha que é uma tese original, que abre sobre fontes inteiramente novas para os historiadores, e que também pinta uma vida urbana que ainda não tinha sido trabalhada desta forma. É após a publicação⁶ que uma amizade nasceu entre nós. Eu não o via com muita frequência, mas era alguém muito fiel. Eu aprendi muito com a leitura de seus trabalhos, mas também graças à sua personalidade: era alguém que estava ao mesmo tempo fora do meio e no meio, um autodidata, de forma alguma preocupado com a sua carreira, alguém com quem eu aprendi a modéstia. Por isso, eu guardo uma excelente lembrança dele. Mais tarde eu mesma faria parte com ele da equipe que trabalharia sobre a *Histoire de la vie privée*⁷. É por isso também que eu compartilho

⁴ FARGE, A. *Délinquance et criminalité: le vol d'aliments à Paris au XVIII^e siècle*. thèse de troisième cycle. Paris: EPHE, 1974.

⁵ No Brasil: FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. Tradução: José Teixeira Coelho Netto; revisão de texto: Antonio de Pádua Danesi; Revisão de provas: Aníbal Mari, José Bonifácio Caldas, Plínio Martins Filho e Vera Lúcia B. Bolognani; Produção: Plínio Martins Filho. Col. Estudos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978 (N. T.).

⁶ FARGE, A. *Le vol d'aliments à Paris au XVIII^e siècle: délinquance et criminalité*. Paris: Plon, 1974.

⁷ ARIÈS, P; DUBY, G. *Histoire de la vie privée*. 5 v. Paris: Seuil, 1985-1987 (ARIÈS, P; DUBY, G. (dir.), VEYNE, P. (Org.). *História da vida privada*. Tradução: Hildegard Feist. Consultoria técnica: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 5 v.

excelentes lembranças com ele, durante os colóquios em Berlim ou em Paris que ele animava com muita simplicidade e onde ele demonstrava ter uma grande mente aberta.

L.V. - E após a publicação...

A. F. - É um pouco a minha travessia do deserto. É uma expressão forte, mas é ainda assim um período muito difícil para mim porque eu não tinha passado em concursos, nem na agregação⁸ ... para pretender um cargo na Universidade. E além disso, eu tinha poucas publicações. R. Mandrou me aconselha, então, a entrar no CNRS⁹. Mas como ele não é muito estimado no CNRS, em razão de seu espírito muito original e um pouco subversivo, ele me confia a Emmanuel Le Roy Ladurie. E é, portanto, sob sua direção que eu me inscrevo na tese de Estado¹⁰. Mas eu trabalhei muito pouco com ele. Depois, ele tinha muitos doutorandos... Mesmo assim eu tive a sorte naquele momento de ser contatada por Jacques Revel, diretor de estudos na EHESS¹¹, que dirigia a coleção "Archives" da editora Julliard, esta famosa coleção que publicava muito naquele momento e fornecia tantos lugares nos arquivos. Após ter lido *Le Vol d'aliments*, ele me pergunta se eu não posso fazer alguma coisa sobre o espaço urbano. É o ponto de partida do *Vivre dans la rue à Paris au XVIII^e siècle (Viver na rua em Paris no século XVIII)*¹². E é depois deste livro que eu pude enfim, em 1980, na terceira tentativa, entrar no CNRS.

L. V: R. Mandrou então transmitiu para você o gosto pela História e o gosto pelo arquivo. Mas também tem um outro encontro, com Michel Foucault. Não é um outro olhar sobre os mesmos arquivos que ele te abre?

A.F: Sim, e é um encontro extraordinário que não devia ter verdadeiramente sido realizado. Eu não seguia os seminários de M. Foucault. Evidentemente eu conhecia seus trabalhos. Eu era muito mais jovem que ele. Eu tinha acabado de publicar *Vivre dans la rue*. E realmente

⁸ Concurso francês que possibilita a admissão como professor no ensino secundário e universitário (N.T).

⁹ *Centre National de la Recherche Scientifique* (Centro Nacional de Pesquisa Científica) (N.T).

¹⁰ Até 1996 o sistema educacional superior francês contava com dois tipos de doutorado, o *doctorat 3ème cycle* sendo cumprido em um ou dois anos e o *doctorat d'État* obtido após o *doctorat 3ème cycle* com duração entre cinco e dez anos. Com intuito de equiparar o sistema com o anglo-saxão e homogeneizar o ensino superior, a França suprimiu em 1997 o *doctorat d'État* em favor de um único doutorado com duração entre três a cinco anos e dois tipos de certificados, o DESA (*Diplôme des Etudes Supérieures Approfondies*) e o DESS (*Diplôme des Etudes Supérieures Spécialisées*) (N. T).

¹¹ *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (N.T).

¹² FARGE, A. *Vivre dans la rue à Paris au XVIII^e siècle*. Paris: Gallimard- Julliard. coll. Archives. 1979.

quando me chega do correio uma carta dele, com arquivos, me perguntando se eu queria trabalhar com ele, minha primeira resposta foi dizer não porque isso me dava medo.

Mesmo assim é um encontro muito diferente no início: é um filósofo que lota os anfiteatros de Paris, que já é uma lenda e que é ao mesmo tempo um intelectual que se engaja sobre diversos assuntos como as prisões, presente em todo o lugar, com um pensamento muito forte, e que publicou *Surveiller et punir* em 1975¹³. Quando eu o tinha lido, eu havia dito pra mim mesma: mas o que se pode fazer depois disso? Na verdade, como sempre acontece quando se encontra alguém desta envergadura, eu descobri um homem muito acessível, e eu acredito que é preciso sublinhar, mesmo se isso é agora mais raro, estes "grandes homens", estes grandes intelectuais eram acessíveis, pois, a gente podia lhes telefonar, marcar um encontro com eles, sem muito problema. Era um mundo mais coletivo naquela época, um mundo da passagem das ideias, da passagem das emoções também, um mundo do engajamento e do compartilhamento.

L. V. - Poderia nos dizer como M. Foucault pensou em você para a *Désordre des familles* (*Desordem das famílias*)¹⁴?

A. F. - Foucault já tinha notado minha tese, *Le Vol d'aliments à Paris au XVIII^e siècle*, já que é uma das raras obras citadas no *Surveiller et punir*. Para minha grande surpresa, aliás. Em seguida nós nos encontramos por acaso em um programa de rádio dedicado à prisão. Depois houve um grande período de silêncio, e um dia eu recebo uma carta de sua parte dizendo que está trabalhando sobre os arquivos da Bastilha e sobre as cartas de encarceramento e que ele tem vontade de publicá-las como estão (na íntegra, sem corte) e me pergunta qual minha opinião. Não sabendo muito como reagir, eu vou ver J. Revel com quem eu estava trabalhando no *Vivre dans la rue*, para pedir sua opinião. Ele me respondeu que uma proposta de M. Foucault não se recusava. Neste momento eu decidi dizer ao M. Foucault que se é para uma simples publicação de arquivos não me interessa muito. Eu penso que os arquivos devem ser explicados. Nós temos então uma longa discussão por telefone, depois nós marcamos um encontro e eu o "convenço" que não é preciso entregar os arquivos brutos (porque é a época

¹³ FOUCAULT, M. *Surveiller et punir: naissance de la prison*. Paris: Gallimard, coll. Bibliothèque des histoires, 1975 (FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987). (N.T).

¹⁴ FARGE, A.; FOUCAULT, M. (Éd). *Le désordre des familles: lettres de cachet des archives de la Bastille au XVIII^e siècle*. Paris: Gallimard-Julliard, coll. Archives, 1982.

da coleção "Archives" que privilegiava justamente este tipo de procedimento). Ele decide, pois, em fazer este trabalho, para o qual ele tinha uma grande paixão e um enorme interesse tanto que para ele era também uma forma de se absolver de uma espécie de dívida intelectual em relação à uma jovem mulher que havia morrido recentemente e com quem ele tinha começado este trabalho- mas tratava simplesmente de um trabalho de reescrita dos arquivos. Ela tinha uma filha pequena, e ele pensa em dar os direitos deste livro à esta jovem órfã.

Nós trabalhamos juntos então sobre os arquivos e sobre as cartas seladas¹⁵, ou seja, sobre os pedidos de encarceramento das famílias no século XVIII, um procedimento curioso que existia apenas há cinquenta anos em Paris (entre 1720 e 1770), quando pessoas de todas as categorias, em particular das classes sociais mais pobres, escrevem ao rei. Consternados diante do estado de sua família, seja diante do estado de perversão de sua mulher, ou a prodigalidade de seus filhos ou a má conduta de sua filha, eles suplicam ao rei que esta mulher, esta criança, este marido, seja colocado durante um tempo em prisão porque eles não podem lidar com essa vida. E assim a gente encontra cartas absolutamente surpreendentes, que poucas pessoas haviam lido até aquele momento, que M. Foucault tinha descoberto, que contam de maneira muito particular sua vida, de forma oral já que eles falam ao escrivão público para se endereçar ao rei. Assim, após as fórmulas de saudação das cartas seladas, acontecem falas muito oralizadas que contam o insuportável de sua vida, mas em termos comuns. O que tem de emocionante nestas cartas seladas, é de visitar, como dizia M. Foucault, esta estética que havia em dirigir à mais alta pessoa, de se dirigir diretamente ao rei quando se é um artesão, um operário no século XVIII, para o suplicar em vir se ocupar de sua família, enquanto isso pode parecer um assunto completamente irrelevante. Estas cartas, as quais ele tinha medido o insólito, o lado irrelevante, as cartas que estão aí, estas cartas que suplicam ao rei de se ocupar destas vidas irrisórias, a gente mergulha nelas. Mas este procedimento vai ser abandonado. Os tenentes-generais de polícia aos quais são transmitidas estas cartas, terão tanto trabalho que finalmente serão suprimidas em 1770. Mas elas também serão suprimidas a pedido do marquês de Breteuil porque elas são denunciadas como sendo um produto do arbitrário real.

¹⁵ *Lettres de cachet* (cartas de selo), no original (N. T).

L. V. - Como vocês procederam para este trabalho em comum?

A. F. - Nós trabalhamos de maneira relativamente simples. Primeiro nós começamos por preparar um plano separando os arquivos que dizem respeito às relações pais-filhos e que tratavam das relações de casal. Logo ele (M. Foucault), me disse preferir analisar as relações pais-filhos do que as relações de casal; se está em plena época do feminismo e ele prefere me deixar encarregada de trabalhar sobre as relações homens-mulheres. Em seguida, nós vamos bastante à biblioteca do Arsenal juntos, onde, lado a lado, nós recopiamos os arquivos. E em seguida nós nos reencontramos na casa dele na rua de Vaugirard¹⁶, e lá, há um grande trabalho de análise, de escolha dos textos. E depois nós decidimos escrever juntos a introdução e a conclusão, depois separadamente os capítulos: "pais-filhos" e "mulheres-homens". Nós trocamos cartas durante o verão onde nós enviamos os textos e nos criticamos mutuamente (enfim, se eu ousar dizer). Nós trabalhamos de forma muito descontraída. O curioso do encontro é que ele está absolutamente deslumbrado pelos textos, por estas pessoas que desnudam as suas vidas. Ele tem uma relação extremamente emotiva com os textos. E nós passamos muito tempo discutindo, mas sobretudo por uma admiração do que um grande questionamento. Nós trabalhamos de maneira relativamente fácil, mesmo se quando eu entro na minha casa, eu estou sempre muito inquieta, me perguntando se eu saberei estar à altura de sua escrita. Eu acredito que é aí que eu trabalhei ao máximo minha escrita.

O que eu aprendo de M. Foucault, é justamente a escrita da História. Eu gostava muito de escrever, mas eu nunca tinha realmente pensado em ligar a forma da escrita da História a seu conteúdo. A linda escrita de M. Foucault, sua inteligência crepitante, sua malícia, seu humor, mas também a maneira a qual cada palavra é sempre medida por ele e bela para ser justa, tudo isso me marcou muito. A partir daquele momento, para escrever com ele já que nós escrevemos juntos, eu fiz este esforço. Era um pouco opressivo ter como papel passar por cima de mim mesma para tentar escrever, mesmo que apenas um pouco, à sua medida. Mas é finalmente o que dá o *Désordre des familles*. E a recompensa deste esforço foi no momento do lançamento, quando todo mundo se divertiu em saber quem tinha redigido o quê (porque nós não queríamos assinar as partes separadamente). Os leitores em geral quase sempre inverteram os capítulos, e isso lhe agradava muito e o fazia rir com o seu riso tão emblemático.

¹⁶ A rua de Vaugirard está localizada entre o bairro Latino (*Quartier Latin*) e o bairro Montparnasse (*Quartier Montparnasse*) e é a maior de Paris. O Senado, parte do Jardim de Luxemburgo e o Instituto Católico de Paris são algumas das construções mais conhecidas da via (N. T).

L. V. - Poderia em algumas palavras nos apresentar a substância desta obra?

A. F. - A obra quer compreender o que se passa nesta pequena parte do século XVIII onde, na realidade, famílias muito simples se entregam ao rei, diretamente, para não arriscar o que elas pensam ser a infâmia de uma justiça comum. Elas não querem passar diante dos comissários de polícia, em um processo, e preferem ir diretamente ao rei. E é este gesto da súplica ao rei que interessa M. Foucault e onde nós trabalhamos. As pessoas pensam que dirigindo uma carta ao rei, elas preservam o segredo sobre elas, segredo que uma justiça comum tornaria pública. É, portanto, uma história do segredo. E o segredo que é o mais enterrado é aquele que se dá ao rei, na percepção popular. Era completamente apaixonante para ambos trabalhar isso, de refletir juntos esta relação.

L. V. - E a recepção desta obra, no entanto, não foi entusiasta...

A. F. - Não, mas não é grave. É preciso dizer que isso acontece em um momento de silêncio completo de M. Foucault. Ele já escreveu uma parte de sua obra. Ele decidiu pelo silêncio. Após *La volonté de savoir*¹⁷ ele decide não escrever por um longo tempo. E infelizmente quando ele se decide por escrever de novo é só um ou dois anos antes de sua morte, já que ele morre em 1984. Mas ele mantém enormemente este projeto dos arquivos. Ele sempre tinha sido criticado em suas obras, como em *Naissance de la clinique*¹⁸ ou em outras, empregar sempre a forma impessoal na escrita e não dar lugar suficiente aos atores sociais. Diziam que ele não trabalhava suficientemente nos arquivos. O que era falso, já que era sua forma de escrita. Nesta época, após ele ter descoberto o texto de *Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma soeur et mon frère* (*Eu, Pierre Rivière tendo degolado minha mãe, minha irmã e meu irmão*)¹⁹, este texto extraordinário surgido em 1832 encontrado nos *Annales d'hygiène publique*, ele tinha estado também aí extraordinariamente impressionado pelo que se podia encontrar nos arquivos, por estes materiais anônimos de pessoas que nunca haviam sido colocados sob a luz, nem sob nenhuma luz, que estão na sombra, e que só aparecem na luz quando estão diante da justiça. E portanto, durante esses anos de silêncio voluntário, ele ficou

¹⁷ FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité*. t. I: La volonté du savoir. Paris: Gallimard, coll. Bibliothèque des histoires, 1976 (FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988).

¹⁸ FOUCAULT, M. *Naissance de la clinique*. Paris: Puf, 1963. (FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977).

¹⁹ FOUCAULT, M. *Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma soeur et mon frère: un cas de parricide au XIX^e siècle*. Paris: Gallimard-Julliard, coll. Archives, 1973.

muito ansioso sobre o lançamento de *Moi, Pierre Rivière*, ao lançamento do *Désordre des familles* e também em um outro texto de Herculine Babin, o qual vocês talvez devem ter ouvido falar, que é a história de uma travesti: *Herculine Babin dite Alexina B (Herculine Babin, chamada Alexina B)*²⁰.

Quando nosso livro sai, eu me lembro muito bem da conferência oficial de apresentação à editora *Gallimard*. Todo mundo esperava um livro de M. Foucault. Porém, o público se decepcionou por ele ter muitos documentos e pouco texto. Além disso, não se reconhecia quem escreveu o quê porque nós assinamos juntos. Eu não era de forma alguma conhecida, e todo mundo se interroga para saber porque ele escolheu esta historiadora. Porém, para ele é muito importante porque o mundo historiador naquela época está muito crítico a seu respeito, e ele sofre, é por isso que ele tinha que trabalhar com alguém que já conhecia os arquivos judiciais. Além disso, eu acredito que a nossa interpretação da relação do rei com seu povo foi mal interpretada politicamente. E é verdade que ele sofre muito também no lançamento do livro.

L. V. -Para você, quais são as razões desta má interpretação das relações rei-povo?

A. F: Na verdade, há apenas uma única crítica publicada no jornal *Le Monde*. O livro passa despercebido, sem dúvida porque ele foi escrito comigo, e depois porque ele tem muitos textos de arquivos. A única crítica é portanto a de Emmanuel Todd no *Le Monde*, onde ele diz que é um livro "pujadista". Como se pode dizer que o povo se sujeitou assim ao rei? ele escreve. É populismo. Eu não sei como o interpretar. Eu acredito que é um momento em que o M. Foucault vive um período difícil, ele conhece uma travessia do deserto, que ele sente muito profundamente. Ele está amadurecendo seus últimos livros. Para ele, essa crítica foi uma grande decepção porque ele colocou muito dele nesta obra.

Do singular ao coletivo: o estatuto das emoções

L. V: Se chegarmos agora aos temas de sua obra, a gente nota primeiro que são marcados pela busca do sentido do efêmero e do instável, das discontinuidades do social, em suma, "tudo o que se ilude à síntese": "a vida frágil", "a fala das pessoas comuns", "o curso comum das

²⁰ FOUCAULT, M. *Herculine Barbin dite Alexina B*. Paris: Gallimard, coll. Les vies parallèles, 1978.

coisas". Como um historiador se decide montar seu acampamento sobre um terreno tão instável?

A. F. - Na verdade, é porque eu fui guiada pelos arquivos. Eu acredito que esta espécie de imersão cotidiana nos manuscritos que fabricou meu método. Eu não refleti primeiro sobre um método. A partir do momento em que eu encontrei tantos traços de vida que nunca tinham sido observadas anteriormente, seja tomando como método o aparelho estatístico dizendo a mim mesma, vamos ver quantos ladrões existem, quantos parricidas, quantos homicidas, etc.- o que não me interessava completamente, eu não era uma profissional da estatística - seja trabalhando efetivamente sobre as formas da repressão e as formas do poder- mas é algo que já era muito aplicado naquela época - e para mim, se você quer a leitura dos arquivos, é um observatório social, é uma leitura ao infinito de falas que surgem do esquecimento e da obscuridade dos séculos e que, na verdade, me parecem tão impressionantes, tão fortes que eu os observo como tantos eventos.

Isso quer dizer que para esta época, em que só se observam grandes eventos, as rupturas muito fortes, as revoltas, as batalhas, os tratados diplomáticos, a história institucional, me parece que esta história do debaixo, esta história dos murmúrios, esta história do ínfimo era indispensável. E na verdade, eu disse: por que não tratar metodologicamente uma fala como sendo um evento? Eu sei que isso parece uma utopia, eu imagino que isso cause problemas. O problema do arquivo e da relação com o arquivo, é não tomar como uma anedota. Isso quer dizer que a gente poderia construir milhares de cenários com eles, pois os arquivos são muito visuais, pondo em cena pessoas interrogadas pela polícia por coisas muito pequenas. A gente vê bem quando vai olhar os arquivos de polícia, ou quando aqueles que trabalham sobre o contemporâneo vão olhar as gazetas dos tribunais: surge aí, sob os nossos olhos, um mundo que a gente não conhece, com uma fala que se inventa todo o tempo, com uma definição de si mesma, destas pessoas que é ainda assim extremamente importante. Claro que existem armadilhas. Ler o arquivo não é ler o real. É preciso imaginar, por exemplo, que quando a gente se encontra diante de um comissário a gente vai ter a tendência em artificializar. Portanto, você tem uma relação com a autoridade, da qual é necessário que o historiador tome consciência, para não recopiar os arquivos dizendo para si mesmo: "isso é o real, isso é a história". Cabe a nós historiadores ter as grades de interpretação. O que para mim sempre constituiu um dos maiores perigos que é justamente de não respeitar essas pessoas que

chegam de repente sob as luzes da ribalta porque a única maneira que ela têm de estar aqui é a do poder e a da repressão. Eu também não queria me elevar na pesquisa de um homem mediano: eu não gosto de trabalhar sobre um homem mediano como a história das mentalidades nos ensinava na época, da qual nos dizia que ele comia assim, que ele tinha se vestido assim, que ele trabalhava assim. Eu quis o contrário, porque os arquivos estavam lá na minha frente- na verdade, são eles quem me guiaram, não foi eu que escolhi- fazer a história dessas singularidades e fazer compreender que essas singularidades fabricavam uma história maior, que era a nossa história, que era a história também com a qual surgiam os maiores acontecimentos de nosso passado.

L. V. - Esta busca do singular que caracteriza o seu procedimento te permite, quando você alarga o foco, de esclarecer sob uma luz nova os fenômenos coletivos. Assim são os movimentos de massa dos quais você fala no *La Vie fragile (A vida frágil: violência, poderes e solidariedades em Paris no século XVIII)*²¹, por exemplo a "multidão perturbada". Nem quebra, nem ruptura na ordem das coisas, mas finalmente a expressão do curso ordinário da vida do povo. É um desafio para o historiador articular o ser singular e o ser coletivo?

A. F. - Você toca aí em um problema que é sempre o meu. Eu não queria ser uma historiadora das singularidades sem articular com os movimentos coletivos, o que para mim não teria nenhum sentido. Neste momento seria um romance histórico ou anedotas. Mas o que me permitiu fazer a passagem, e eu ainda não acredito que esteja acabado- eu penso notadamente também em um historiador do século XX com quem eu aprendo regularmente, Pierre Laborie que trabalha sobre Vichy: nós tentamos sobre esses grandes temas, "singularidades, opinião pública, rumores, acontecimentos", articular em ambos alguma coisa entre o singular e o coletivo. Mas pessoalmente eu pude fazer esta passagem- eu acredito que eu me explico no início de *La Vie fragile*- porque eu passo pelo estatuto das emoções. A emoção é realmente um domínio que sempre me interpelou muito, primeiro por uma razão simples, é que quando eu começo *Vivre dans la rue*, minhas primeiras obras, meus primeiros artigos, um dos comentários mais frequentes era: "você faz História sensível porque você é mulher", e eu escutei isso por muito tempo, eu fui bastante marginalizada no início no que eu fazia: "isso não me surpreende porque ela trabalha nos arquivos judiciais sobre as pessoas pobres, ela é muito sensível". Eu era reenviada ao feminino e ao sensível, o que é degradante. Pois eu me

²¹ FARGE, A. *La vie fragile: violence, pouvoirs et solidarités à Paris au XVIIIe siècle*. Paris: Hachette, 1986.

coloco naquele momento a refletir, ajudada por M. Foucault ele próprio que, no entanto, não é suspeito de não ser rigoroso emotivo, ou como foi dito para mim "gotejando sensibilidade". Ele tem uma bela frase que eu adoro citar: "eu nunca conheci tantas vibrações físicas como lendo estes arquivos que surgem da memória e do esquecimento. Eu os li com tanta emoção que não se poderia ler mesmo em novelas de literatura". E ele coloca a palavra "emoção". Para ele, o aspecto emotivo e estético era essencial. E munido de seu pensamento, eu refleti muito sobre o estatuto das emoções. Sobretudo após a sua morte, eu pensei que eu estava como que legitimada por este grande filósofo. Meu procedimento poderia ser de certa maneira uma continuação. Eu disse pra mim mesma que eu posso assim me servir das emoções em meu trabalho de historiadora.

Eu retomo mais particularmente dois elementos. Primeiramente, que os historiadores só trabalharam raramente sobre a fertilidade destas emoções: como as emoções podiam provocar acontecimentos? como as emoções coletivas atravessam às vezes as famílias, os grupos sociais, ou ainda os grupo de sexos (os homens e as mulheres não são sensíveis às mesmas coisas?) e por que este campo das emoções ou este campo dos afetos (palavra que é melhor recebida), que irriga completamente a vida das pessoas, tinha sido tão pouco trabalhado? E em seguida, eu refleti também em o que é experimentar as emoções quando se está no arquivo, quando se lê no arquivo, e como trabalhar com elas. Porque realmente, não é preciso estar cegado pela emoção, não tem que consumir tais como elas são. Mas é a partir daquele momento e desta reivindicação, o qual eu devo dizer que foi muito difícil de passar- mesmo se hoje é comum trabalhar sobre o campo das emoções- que eu pude tentar articular os seres singulares com as multidões convulsionadas, os rumores, as opiniões públicas. É porque eu conhecia bem as emoções que podiam permear as pessoas que eu pude também compreender o que podia reuni-las e verificar que acontece tantas coisas no século XVIII, já que em Paris se enumera simplesmente oito mil e quinhentas revoltas. É um número enorme. É um mundo vibrante que é politicamente convulsionado, o que não quer dizer obrigatoriamente permeado de afetos. Os afetos podem ter objetivos políticos, objetivos sociais, objetivos familiares, de amor e de sentimento. Tudo isso fabrica essas vidas. Pois, é pelo campo das emoções, renovada pelo pensamento de M. Foucault- me sentindo talvez após sua morte devedora de continuar o caminho, mesmo se eu sabia bem que eu não era de grande

fidelidade, pois eu não tenho nem sua inteligência nem sua visão- que eu encontrei e construo meu caminho.

O apelo do possível

L. V. - É o que você chama "o apelo do possível". Mas como o historiador pode trabalhar esta dimensão?

A. F. -Quer dizer que eu fiquei impressionada por uma coisa que sempre me desagradou nos historiadores. Eles chegam no arquivo e sempre sabem o que se passou dez anos, quinze anos depois... A rebelião de 1848, a Comuna...Então, tranquilos, eles avançam profetizando quanto a Comuna delineia-se já em 1830! E o que sempre me cansou, sobretudo nos estudos sobre o século XVIII, era sempre ler este século como uma subida em direção à Revolução. Eu não sei o que isso quer dizer "subir em direção à Revolução". E mais, os termos empregados pelos historiadores não são muito rigorosos, pois nós temos um vocabulário de amador nas disciplinas plásticas, nós tomamos emprestados da sociologia, da antropologia, nós fazemos bricolagem com imagens, com metáforas...e portanto no século XVIII, "se subia"! Eu dizia pra mim mesma que um bom método, evidentemente impossível de manter até o fim, mas eficaz, era esquecer que havia a Revolução. Que fazer com os meus arquivos, se eu não sei que tem a Revolução? Porque por todas as revoltas, as de 1725, de 1740 ou de 1750 (os raptos das crianças), 1775, a conclusão era sempre: mas se sente bem que eles chegam na Revolução! Imagine 1750 se você sabe que você chega em direção à Revolução! Porque eu aprendi ao menos uma coisa; é que a história é totalmente imprevisível; ninguém sabe quando se chega à Revolução. Portanto, o apelo do possível é o apelo do outro lugar, é de sempre me dizer que a história poderia ter se passado de outra maneira. Eu tenho uma absoluta convicção, que a história poderia ter se desenrolado de outro jeito. Ela se desenrolou assim, e nós pequenos espertos porque o sabemos, fazemos belos escritos e comentários, e encantamos os fatos, mas os encantamos com uma lógica que não é àquela dos contemporâneos. E o que os arquivos me ensinaram é justamente a humildade daquele que não sabe e que através das palavras das próprias pessoas que não sabiam, se instala neste espaço humilde que permite mostrar que a revolução era totalmente imprevisível. O que me parece verdadeiramente fundamental é esta espécie de aprisionamento do historiador na ideia que ele sabe, o que o impede de ter um novo olhar sobre o seu trabalho. E de impedir de saber o que se passou depois, dá todo um

outro olhar, é o que eu chamo o apelo do outro lugar, o apelo do possível, um possível que poderia ter se desenrolado de outra forma. É como uma convicção que me ajuda à trabalhar.

L. V. - Mas afinal, reler a história conhecendo o fim não é uma prática comum? E os críticos que fazem esta abordagem são assim tão frequentes?

A. F. - Talvez é preciso definir mais precisamente o que entendo por *o apelo do possível*. Eu acredito que um historiador que está nos arquivos é, apesar de tudo, apanhado conscientemente ou inconscientemente pelo fato que ele sabe o que vai se passar dez anos ou uma semana depois. E para os historiadores especialistas do século XVIII, há esta famosa revolução de 1789. E eu penso que isso reduz sua imaginação porque ele não pode trabalhar as fontes como podendo dar aos eventos outras configurações que as que são ocorridas. E é uma pena, pois eu penso ainda assim que a história tem grande a ver com alguma coisa da ordem da imaginação e que, por outro lado, é essencial ter sempre em mente que alguma coisa imprevisível pode se passar. Poderia se dizer que não há nada de mais previsível em história que a imprevisibilidade dos acontecimentos que vão acontecer. Porém, a partir dessa dimensão, se a gente lê os acontecimentos como abrindo sobre perspectivas que não são acontecidas mas que poderiam acontecer, isso dá à estrutura do que é acontecido uma outra dimensão, bem mais abundante que um estudo conduzido de montante para jusante, de maneira totalmente retilínea.

Mas eu não estou segura que os historiadores, que têm no entanto, entendido este argumento estabelecido de maneira muito forte por Paul Ricoeur, tem no fim das contas trabalhado com esta abordagem. É verdade também que é bastante difícil. Pois é um desafio a se fazer: "eu vou trabalhar sobre o século XVIII, não sabendo que houve a Revolução". Por outro lado, isso proíbe reflexos que seriam do tipo: "desde agora eu vejo apontar a aurora da revolução".

L. V. -Você poderia religar este "apelo do possível" a uma outra abordagem como a história contrafactual?

F.V: Eu penso que nenhum fato ou evento- o chamemos como quiser- conduza diretamente a um outro evento, sem que outros tipos de posturas, de posições, de dispositivos tenham podido estar presentes no mesmo momento. Eles simplesmente se distanciaram no fim porque

se passa no momento mesmo da ação uma alquimia particular, no limite, muito intempestiva, que é totalmente imprevisível. Isso quer dizer que a causalidade que se vê corretamente sobre a longa duração não deve mascarar o fato que alguma coisa de extraordinário se passa alguns dias antes de um evento. Se a gente pega o exemplo do primeiro turno das eleições presidenciais (21 de abril de 2002), isso quer dizer que os historiadores, as pessoas das ciências humanas e sociais, os politólogos mais experientes- assim como uma parte da opinião pública aliás- viveram em uma certa ilusão, na certeza que nada poderia se passar²². Porém, uma das lições da história, se há -mas realmente eu não acredito- é de repente esta imprevisibilidade. Pois o evento não é a soma das causas adquiridas antes do evento, mas é um campo de representações mentais e imaginárias que vão se alimentar muito pouco do tempo antes do evento. Eu acredito muito nisso.

L. V.-Este apelo do outro lugar a gente sente também nos temas que você escolhe e a forma que você os trata. Assim, após os seus trabalhos coletivos sobre a violência simbólica ou física que se exerce sobre as mulheres do povo no século XVIII, enquanto se começa a te catalogar como especialista da história das mulheres (você coordena um volume da *Histoire des femmes*²³ de Georges Duby e Michelle Perrot), eis que você publica uma obra coletiva dedicada à violência das mulheres²⁴. Um terreno que finalmente desorientou bem os fieis.

A. F.- Sim, e primeiro eu devo dizer que se me catalogaram como historiadora das mulheres, eu no entanto, nunca quis trabalhar apenas sobre as mulheres. Porque pra mim isso não existe. Eu quis trabalhar sobre as relações entre o mundo masculino e o mundo feminino, sobre as relações entre os sexos. Eu jamais quis isolar o mundo das mulheres, que eu sei é dominado; eu acredito, efetivamente, que eu quis atravessar de outro modo o campo da história das mulheres. Dizendo a mim mesma que não é porque se vai fazer história das mulheres, mostrando que elas são oprimidas, que se vai mostrar um gênero feminino que seria superior ao gênero masculino. O que me interessava, era ver como no decorrer dos séculos há tantos

²²As eleições presidenciais de 2002 na França despertaram particular atenção pela oportunidade do candidato Jean-Marie Le Pen do partido de direita *Front National*, disputar com Jacques Chirac do *RPR (Rassemblement pour la République)* após divisões da própria esquerda francesa no primeiro turno. Até então, nenhum nacionalista na Europa pós Segunda Guerra Mundial havia conseguido disputar o segundo turno pela cadeira presidencial. Chirac, no entanto, foi reeleito com ampla diferença de votos (N. T).

²³FARGE, A. DAVIS, N. Z. *Histoire des femmes, XVI^e -XVIII^e siècle*. In: DUBY, G.; PERROT, M. *Histoire des femmes*. t III. Paris: Plon, 1991 (DUBY, G.; PERROT, M. (dir.) *História das mulheres. Séculos XVI-XVIII*. v. III. Tradução com revisão técnica: Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. Porto: Afrontamento, 1991).

²⁴DAUPHIN, C.; FARGE, A. (Éd). *De la violence et des femmes*. Paris: Albin Michel, 1999.

momentos de rupturas, tantas descontinuidades: há séculos em que os sexos estão juntos de maneira pacífica, e outros em que eles estão em conflito. Não existe nenhum invariante nesta história entre os homens e as mulheres se não é uma história institucional. Há sempre uma relação de superioridade masculina no direito, nas leis. Mas depois é tão mais complexo que efetivamente o desafio sobre a violência das mulheres tinha sido manter este tema em um momento muito doloroso, porque, quando uma dúzia de pesquisadores começou a trabalhar sobre a violência das mulheres, acontecia a guerra na ex-Yugoslávia, onde evidentemente a atualidade era a violência contra as mulheres. E, na verdade, este campo de pesquisa, em todo o caso sobre o século XVIII, funciona muito bem, porque realmente, as mulheres são violentadas, mas as mulheres são violentas também. As revoltas são levadas pelas mulheres, com o consentimento dos homens, aliás, que as colocam na primeira fileira, porque seus gritos e suas formas de fazer medo, mas também porque elas são menos puníveis, porque a polícia não vai atirar em uma mulher, pois uma mulher é uma futura mãe. Mas o que parecia interessante era romper com essas ideias que tinham sido muito forte no momento dos primeiros trabalhos sobre as mulheres, a saber, de isolá-las ao ponto de ignorar os homens, e de ignorar que elas podiam cometer crimes, ser ladras, horríveis, astuciosas. É apenas fazer justiça à história querer isolar um grupo, sem trabalhar sobre a complexidade dessas relações com o outro grupo, seria apenas por educação das crianças, em relação ao ensino, em relação à política que são relações cotidianas onde se passa uma infinidade de coisas entre os sexos. Levar em conta é levar em conta completamente. Eu não penso que só se possa trabalhar sobre a violência sobre as mulheres sem examinar também todos os estereótipos que existem. Quando se pega a literatura do século XVI ao século XVIII, a gente sabe bem que é uma literatura muito binária, e você terá tantos textos, na *Bibliothèque bleue* por exemplo, que vão concernir a mulher doce e o encantamento da mãe, de sua doçura, de sua beleza, quantos textos inversos que mostrarão essas mulheres como perigosas, violentas, devoradoras, essas mulheres que tem um rosto de morte. Existem textos extraordinários na *Bibliothèque bleue* onde a mulher tem o rosto da morte, daquela que vem devorar o homem para lhe retirar sua semente e o esvaziar de sua substância. São textos de uma crueza absoluta que vão circular nas massas populares do século XVI ao XVIII em folhas volantes. Pois, é preciso conhecer esta espécie de binaridade absoluta no discurso sobre as mulheres do século XVI e XVIII, nos carregando sempre os traços, nós ainda temos esta ideia da mulher doce e da harpa. Nós não

sabemos do que nós somos herdeiros, não sabemos de onde isso vem e nós não sabemos também como nos virar com esta ideia da mulher maculada e da mulher ladra de vida, da mulher das luzes e da mulher nos recantos mais sombrios de seus vícios mais profundos. Se não se faz a história de todos esses aspectos, do porquê eles existiram, e do que eles fizeram nos eventos- porque quando as mulheres estão nas revoltas colocadas na primeira fileira, é bem seu aspecto furioso que está colocado em primeiro lugar, e os homens consentindo já que isso vai lhes ajudar para ganhar este movimento de subversão que eles decidiram- não se compreenderá a natureza desse consentimento que existe entre os homens e as mulheres para fazer as coisas. Isso é um trabalho de historiador. E ele não está lá para dizer: "eu sei". Não se sabe nada de cima. Salvo se vai nos arquivos. Como não se sabe nada no momento atual dos sofrimentos masculinos em relação à emancipação feminina. Por isso eu acredito que se a gente está atento no hoje e de toda essa sutileza das relações que existiram sempre entre os homens e as mulheres, a gente faz uma outra história das mulheres, além de uma simples história de dominação.

L.V.- Outro exemplo, sua análise de *L'opinion publique au XVIII^e siècle*²⁵. É o gosto dos atalhos que impele você a ultrapassar os limites impostos pela definição mais correntemente admitida da opinião pública, que supõe "um público constituído por pessoas privadas fazendo uso da razão" como o enuncia Jurgen Habermas, para estudar ao contrário a opinião plebeia, a de um povo inculto?

A. F.- Sim, é porque na primeira página do livro de J. Habermas sobre o espaço público²⁶ eu tinha lido que não se pode ocupar da opinião dos pobres, da "opinião plebeia", falta fontes. É verdade que quando se é filósofo, não se é obrigado a ser historiador. Talvez ele não tivesse acesso às fontes. E é verdade que o seu pensamento é tão forte que essa frase talvez não foi notada. Mas eu tenho a sorte de saber encontrar nos arquivos de polícia alguma coisa que eu sempre me apaixonei, que não é a condição de vida das pessoas mais desprovidas, mas que é a forma como elas pensam sobre elas mesmas. O que me interessa não é tanto como elas vivem, como elas estão vestidas, mas o que elas pensam dos eventos, ou como se dizia na época, dos assuntos do tempo. Porém, a literatura do século XVIII, os filósofos, os cronistas e os

²⁵ FARGE, A. *Dire et mal dire: l'opinion publique au XVIII^e siècle*. Paris: Seuil, 1992.

²⁶ HABERMAS, J. *L'espace public: archéologie de la publicité comme dimension constitutive de la société bourgeoise*. Paris: Payot, coll Critique de la politique, 1978.

memorialistas, dizem constantemente que a multidão e os pobres não pensam. Eu tomo este desafio um pouco particular, dizendo: "mas eu estou segura de que eles pensam, é impossível que a gente não pense". Isso parecia uma aberração. Nos arquivos da Bastilha ainda, que estão conservados na biblioteca do Arsenal em Paris, eu pego todos os dossiês que dizem respeito às más proposições e aos maus discursos mantidos contra o rei, os príncipes e os reis. E a partir desses dossiês eu vejo evidentemente que a opinião era acossada pelos tenente-generais de polícia já que, frequentemente disfarçados, eles estavam nos seus lugares, nos cafés, nos cabarés, na Place royale, nas ruas, nos cruzamentos e eles escutam o que se diz, o que se diz do rei, o que se diz das pessoas, as conversas. Se eles escutam as conversas, é porque a gente pensa, as pessoas do povo pensam alguma coisa. Além disso, o que é preciso saber é que é extremamente importante na época, já que todas as terças-feiras de manhã o tenente-general de polícia, munido de todas às suas más intenções que lhe deram os oficiais de polícia, vai tomar conta do rei Louis XV que adora sentir sua população. Eu trabalho sobre estes dossiês e eu percebo que existe um pensamento sobre os assuntos do tempo, e que existe uma maneira para uns e outros de se situar, de se colocar em posição, de ter uma postura política. É toda a aventura do século XVIII, as pessoas do povo vão se tornar pouco a pouco sujeitos políticos, mesmo se eu emprego uma palavra que é talvez um pouco anacrônica, isto é, que eles vão se afastar da fusão com o rei, se distanciar do rei pode tornar eles mesmos pessoas que pensam sobre o que eles suportam, sobre o que eles recebem, às vezes sobre economia, o preço do pão, os perigos da guerra, os aumentos de impostos, e que vão constantemente reagir com uma curiosidade absoluta, porque é um povo sedento de informações que não tem imprensa à sua disposição, que não sabe necessariamente ler e que vai recolher as notícias todo o tempo a fim de pensar. E depois também, mas isso é muito mais difícil, era tentar saber qual tipo de consciência têm essas pessoas do povo na ação: o que eles pensam deles? como eles se veem? como eles se definem?

Diálogos e trocas interdisciplinares

L. V. - Viemos agora ao seu procedimento. Você escreve no *La Vie fragile* que "o detalhe instrui sobre o minúsculo grão do evento; ao mesmo tempo que ele informa, até mesmo explica os fenômenos, ele desvia e coloca o observador em exílio. Exílio de seus estereótipos,

de suas definições prontas; exílio em relação ao seu saber". A gente sente aqui uma posição próxima aos dos micro-historiadores da escola italiana, mesmo se você raramente faz referência. Como você se situa em relação ao seu procedimento?

A. F. - Eu gosto muito deles. É uma escola que me impressionou muito. Eu acredito que eu sou mesmo um pouco micro-historiadora. Mas primeiro para explicar bem a micro-história, e seu nascimento na Itália, é preciso saber que os arquivos italianos não estão totalmente classificados. Todos os historiadores dizem: eles extirparam miraculosamente um dossiê de polícia da confusão de arquivos, não existem outras palavras, e do resultado eles desenvolveram seu pensamento, eles trabalharam seu método porque eles não podiam fazer seriação. Esta contingência é fundamental. De outra parte, se encontra na micro-história, se tomar alguns trabalhos de Giovanni Levi ou se pensa neste trabalho *Jeux d'échelles* (Jogos de escala)²⁷ dirigido por J. Revel, onde participaram os micro-historiadores mais famosos, uma noção muito importante: a noção de "rede". O micro-historiador trabalha a partir do seu observatório: isso pode ser um grande processo, eu penso nos trabalhos de Carlo Ginzburg: *Les Batailles nocturnes*, *Le fromage et les vers*²⁸, etc... ou uma vila como o fez G. Levi, mas, e eu vou ser talvez caricatural, faz pouco para encaminhar o conflito, as relações sociais frontais. Ele trabalha com o conceito de rede. Esta palavra é muito suavizada mas se vê bem o que ela significa: rede de amigos, de associações... E é verdade que no termo rede, existe um aspecto relativamente doce, e que as explicações dos micro-historiadores, absolutamente apaixonados por outros, que colocam em interação os atores sociais uns com os outros, com sua prosopografia (com seu passado), com sua maneira de se conduzir na cidade ou na vila, as relações entre as classes, são sempre muito pacíficas. E eu sempre me bati- exceto com C. Ginzburg, que eu coloco à parte porque ele é o primeiro e que se distingue do que se passará em seguida- por este jogo de escalas, esta miniaturização que atenua a relação de força, o conflito, que para mim são motores na sociedade. Assim, eu trabalho com as ferramentas da micro-história, mas de outra forma.

²⁷ REVEL, J.(éd). *Jeux d'échelles*. Paris: Gallimard- Seuil, 1996 (REVEL, J.(org.). *Jogos de escalas*. A experiência da microanálise. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

²⁸ GINZBURG, C. *Les batailles nocturnes: sorcellerie et rituels agraires au XVI^e et XVII^e siècles*. Paris: Flammarion, 1984 [éd. ital., I Bernandanti-stregoneria e culti agrari tra Cinquecento e Seicento. Torino: Einaudi, 1979]; *Le fromage et les vers: l'univers d'un meunier au XVI^e siècle*. Paris: Flammarion, 1980 [éd. ital., *Il Formaggio e i vermi: il cosmo di un mugnaio del'1500*. Torino: Einaudi, 1976]. Na edição brasileira: GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução. Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas José Paulo Paes; revisão técnica: Hilário Franco Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

L. V. - No que concerne a antropologia, como você definiria os laços da sua pesquisa com esta disciplina?

A. F. - Eu realmente penso que a história é uma disciplina que satisfaz todo mundo²⁹, relativamente flexível que às vezes pode se apoiar nas matemáticas e nas estatísticas, que pode também se tornar muito teórica, muito metodológica, ou então pender justamente em direção à micro-história... enfim, há um grande leque de campos possíveis. E ao mesmo tempo, ela absorve todas as ferramentas que lhe parecem interessantes, tanto filosóficas como científicas- quer se trate de ciências sociais ou mesmo médicas. Portanto, é certo que existem laços entre a minha pesquisa e a antropologia. A antropologia me prendeu a atenção de maneira fundamental aos gestos, aos simbólicos, ao imaginário, ao religioso, às relações entre o real e o simbólico; a atenção aos grandes sentimentos, à inquietude, ao pavor, ao medo, à desolação. Estes são temas antropológicos muito fortes que o historiador pode utilizar de maneira diferente e no qual ele pode fazer o seu mel. Eu acredito que é muito importante que o historiador e o antropólogo trabalhem juntos. Do seu encontro libera-se uma compreensão extremamente forte de nossas sociedades. Por outro lado, o que eu não retive da antropologia, é a maneira a-histórica de fixar as sociedades talvez de maneira muito imutável.

Mas eu penso que a antropologia também é uma ciência relativamente plástica. Eu me situo, sobretudo, próximo de pessoas como Michel de Certeau que nos ensina no *L'invention du quotidien* ou em suas obras sobre *L'écriture de l'histoire* ou sobre *La possession de Loudun*³⁰, a importância das palavras e da fala. Claro que não é completamente antropologia, mas também não é semântica. Ele desenvolve as noções de bricolagem e intuição, que devem ser experimentadas à medida do rigor, da cientificidade e da prova. É sobretudo nessa aproximação que eu me situo. Pois os antropólogos têm ferramentas muito particulares que não são as que eu emprego.

²⁹ *une discipline attrape-tout*, no original.

³⁰ CERTEAU, M. *L'écriture de l'histoire*. Paris. Gallimard, coll. Bibliothèque des histoires, 1975; *L'invention du quotidien*. Paris: Gallimard, coll. Folio, 1990; *La possession de Loudun*. Paris: Julliard, 1970 (CERTEAU, M. *A escrita da história*. Tradução: Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 3 ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998). 2 t. O livro *La possession de Loudun* ainda não possui edição brasileira (N. T).

L. V. - E da sua formação em direito, o que você conserva?

A. F. - Sem fazer ego-história, o direito é um avatar da minha trajetória. Portanto eu não retive nada dessa formação, salvo que quando eu encontrei R. Mandrou que trabalhava sobre a criminalidade, ele disse que já que eu tinha feito direito, isso podia ser bom para eu trabalhar sobre os arquivos judiciários. Mas dessa formação eu quase não tenho lembranças além das aulas sobre as paredes-meia! Eu não sei porquê...

L. V. - Na sua obra *Des lieux pour l'histoire*³¹, que faz uma síntese, um balanço de sua trajetória e considera as novas pistas, você escreve que "na multiplicidade atual das vias que se oferecem ao historiador, não é necessariamente apenas de nome. Elas habitam a disciplina em suas margens". O transbordamento das margens, dos limites do campo disciplinar é uma finalidade em seus trabalhos?

A. F. - Sim. Quer dizer, é como eu tinha dito sobre as emoções, ou o que eu falo atualmente sobre o sofrimento. São estes termos que não têm um reconhecimento acadêmico imediato. E eu penso que as margens, não as margens sociais evidentemente, é o que ficou deste lado da disciplina histórica. Isso pode dizer muito a respeito de coisas que não são necessariamente marginais na sociedade. E a disciplina histórica tomando corpo a corpo, pode lhe dar uma integração à forma dos eventos. É ao contrário, entrar no ordinário das coisas para infiltrar na pluralidade e na multiplicidade do campo que fabrica todos nós e que é o da História. Mas é um procedimento bastante partilhado hoje em dia. Eu penso notadamente nos trabalhos sobre o sofrimento dos corpos durante a guerra de 1914.

Fazer absorver na escrita as asperezas do tempo

L. V. - E é aqui então que é preciso trazer uma atenção particular à escrita da história. Seu procedimento, a exemplo daquele de um G. Duby, parece consistir em utilizar todas as potencialidades da escrita para desenhar, o mais próximo, as sensibilidades no decorrer do século XVIII. Poderia nos explicar sua relação com a escrita?

³¹ FARGE, A. *Des lieux pour l'histoire*. Paris: Seuil, coll. Librairie du XX^e siècle, 1997. (FARGE, A. *Lugares para a história*. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte. Col. História e Historiografia. Autêntica Editora, 2011).

A. F. - Sim, então, essa é uma questão difícil. Mas eu acredito que a gente não pode distinguir o fundo da forma, e eu acredito que a pesquisa da palavra exata em uma tese ou mesmo em um mestrado não é insignificante. A gente poderia imaginar aliás, uma bela tese para fazer sobre todas as metáforas empregadas pelos historiadores: "a subida em direção à Revolução", quando se escreve "a sociedade do século XVIII vive..." - a sociedade não vive, isso não quer dizer nada- ou "os movimentos sociais fazem...", ou "o século decidiu que..." - você já viu um século decidir? eu nunca. Muito frequentemente, se coloca sujeitos e verbos em seguida, sem refletir, porque isso é mais rápido. Mas não é assim a escrita da história, é pelo contrário poder fazer absorver na escritura as asperezas do tempo, dos momentos, o surgimento das falas e dos eventos. Então é complicado compreender porque os estudantes sempre me dizem: "mas então a senhora quer citações?". Está certo que é bonita uma citação, mas veja bem nos livros de história, as citações substituem muito frequentemente o raciocínio: "a sociedade pensou que: '...' ". Porém, eu acredito que se as citações são indispensáveis, elas não podem jamais substituir o raciocínio. E o raciocínio deve ser de um rigor muito honesto para evitar este gênero de derrapagem a qual eu te falo e que espreita mesmo os maiores, de Fernand Braudel a E. Le Roy Ladurie. Eu mesma estou segura que você encontrará muito nos meus livros. A escrita da história, é portanto esta atenção, mas é também a atenção às palavras, a fim de que elas estejam o mais próximo do que é sentido na época. O que é extremamente difícil. Eu sei que no trabalho que a gente fez com P. Laborie e nossos alunos, é o que nos faz tropeçar todo o tempo: esta palavra exata que possa exatamente não descrever a situação, mas nos colocar em situação de estar próxima dos que viveram esta situação.

L. V. - Você poderia precisar o que você espera pela expressão: "fazer absorver na escrita as asperezas do tempo"?

A. F. - É verdade que eu escrevo de maneira literária e se está perfeitamente no direito de se perguntar o que algumas fórmulas querem dizer. Na verdade, se eu disse "fazer absorver na escrita às asperezas do tempo", é porque trabalhando nos arquivos eu só via coisas singulares, impressionantes, estranhas, que às vezes tinham a ver com a aventura coletiva das pessoas que vivem alguma coisa juntas, e que ao mesmo tempo- eu ia comparar isso com um penteado-vão em suma cravado e não levam em conta toda a organização do conjunto. "Fazer absolver a escrita", é para mim a pesquisa de uma forma de escrever- não literária porque isso inquieta

algumas pessoas que dizem que se é preciso redigir como um escritor, elas nunca farão história. Eu acredito por outro lado que nós devemos ter uma reflexão sobre a maneira a qual a sintaxe e as palavras que definem a trama de nosso raciocínio podem absorver, isto é, colocar em evidência, o coletivo e as asperezas da vida cotidiana, levar em conta aventuras singulares sem contradizer o campo do coletivo, ou então contradizendo neste momento é mais claro- como para os marginais que representam o inverso da norma. Se trata por exemplo de encontrar a forma pela qual se faz e se desfaz um coletivo que foi motivado por um grande número de asperezas, de coisas que se erija e que não tem a nada a ver com o estereótipo comum, o lugar comum dito pela sociedade sobre os outros. É sempre o discurso a partir de cima que diz como se vive. Mas as pessoas vivem coisas muito mais dispersas e complexas que não são forçosamente reduzidas pelo discurso político mantido sobre elas. E justamente a escrita da história deveria ter a modéstia de manter no discurso às vezes o movimento coletivo e que lhe é heterogêneo.

Do século XVIII aos nossos dias: em busca de passagens

L. V. - Viemos agora à atualidade da sua obra. Este gosto pela história parece para você em estado de permanente vigília, pronto para saltar sobre sua presa desde que uma ocasião lhe fornece a oportunidade. Assim, sua experiência com a fotografia que provoca "rememorações de um século XVIII tão fervente quanto instável" (*La chambre à deux lits et le cordonnier de Tel-Aviv*³²- *O quarto com duas camas e o sapateiro de Tel-Aviv*). Poderia nos explicar, em quê, por exemplo, o exame atento de uma foto de estivadores fazendo a sesta em 1922, pode ajudar o historiador do século XVIII a enriquecer suas análises?

A. F. - É realmente uma experiência. As pessoas acreditam que eu sempre gostei de fotografia, que eu segui os trabalhos dos fotógrafos, suas exposições e que eu tivesse sido sempre tocada vendo uma foto do século XX, tendo esta estranha impressão de me lembrar de um século XVIII o qual efetivamente eu não posso me lembrar. Portanto, era bastante particular como procedimento e mesmo arriscado. Um outro aspecto é que todos nós temos uma memória que para no século XIX, não a dos lugares de memória mas a que nos faz agir, como a memória das sociabilidades, dos comportamentos, da vida familiar. É uma memória herdada de nossos avós ou bisavós. E finalmente não se pode dizer que o século XVIII irriga nossa vida.

³² FARGE, A. *La chambre à deux lits et le cordonnier de Tel-Aviv*: essai. Paris: Seuil. coll. Fiction & Cie, 2000.

Enquanto se pode dizer ainda que algumas pessoas são irrigadas por temas, comportamentos, a qual se diz: "ah! é um homem do século XIX". Por outro lado, é raro ouvir ou dizer: "é um homem do século XVIII". O que me surpreendia nas fotos era me dar conta a que ponto nós somos herdeiros do século XVIII e nós não sabemos. E nesta bela foto dos estivadores alongados para a pausa (aliás ela se chama "a pausa") eu via o sono fatigado das pessoas precárias do século XVIII que evidentemente jamais foram fotografadas. E é um desafio dizer que eu me lembro de um século XVIII com essas fotos enquanto eu não me lembro do século XVIII. Portanto, eu tentei esta aventura com seis ou sete fotos a fim de encontrar seja um movimento de ombro, seja um movimento coletivo que carregava alguma coisa. Encontrar alguma coisa, não um invariante porque isso seria totalmente idiota, mas sobretudo um traço ínfimo que ainda estava aí. Então eu fiquei surpresa quando este livro saiu: eu pensei que os historiadores não estariam muito contentes com um trabalho assim, mas muito curiosamente sua opinião foi bastante favorável, pois hoje finalmente se trabalha muito com a imagem. A escrita cinematográfica ou fotográfica é um campo que se abre hoje e que ajuda tanto os historiadores do século XVIII quanto os do tempo presente. Ainda é balbuciante, mas é cada vez mais presente. Mas este livro deve ser tomado como um ensaio, pois é bem o sentido que eu quis lhe dar. E eu não escrevi "ensaio" para me desculpar, mas sobretudo para indicar que é alguma coisa à parte no que eu faço, um estudo que não faz parte do que a academia chama de trabalhos científicos.

L. V. - Uma outra experiência te conduziu sobre as terras quentes do contemporâneo, do imediato. Tomemos o caso do diálogo que você engaja com o sociólogo Jean-François Laé em torno da análise de uma narrativa autobiográfica, a de Robert Lefort, um desabrigado, um "ser despojado pelo tempo ordinário das coisas"³³. O que você pesquisa neste deslocamento do olhar?

A. F. - Na verdade, eu fui chamada no início por Jean-François Laé, que já tinha publicado *L'argent des pauvres (O dinheiro dos pobres)*³⁴, e que tinha recebido este texto de um desabrigado morto em Toulouse. Ele me pediu para ler, e como pela fotografia dos outros, eu tive a impressão, frente à estas quarentas páginas escritas de maneira oralizada também, de

³³ FARGE, A. LAÉ, J-F. *Fracture sociale*. Paris: Desclée de Brouwer; coll. Sociétés, 2000, p. 144.

³⁴ LAÉ, J-F. *L'argent des pauvres*, la vie quotidienne en cité de transit. Paris: Seuil, 1985.

me encontrar na frente de um arquivo do *Désordre des familles*. E é esta atenção às palavras que me solicitou, ao mesmo tempo que o hábito de se interrogar a história e as fontes, não através das grades do presente, mas através das preocupações do presente. Naquele momento, a gente começou dialogar juntos, não para trabalhar em um beiral intelectual para analisar sociologicamente porque este homem "caiu na rua" como se diz, mas para trabalhar por baixo das coisas, para acompanhar R. Lefort palavra após palavra, sem ter mesmo a ideia que ele está morto (aliás a gente só diz no fim do livro). A fala aqui é muito importante, é o que pelo momento se escapa, libera os imaginários, reenvia às coisas que não se apressa quando se diz palavras. Quando se fala, não se sabe o que se vai provocar em alguém. É uma força inacreditável. Meu encontro com R. Lefort, este desabrigado, era um encontro através das palavras, as palavras de alguém não somente de defunto, mas de separado de nós. Era preciso portanto trabalhar a partir dele e remontar, e não a partir de nós, acima dele ou de uma instituição. E eu tive vontade de continuar a trabalhar assim.

L. V. - Você diz no *La chambre à deux lits* querer pesquisar uma passagem te levando hoje a este século XVIII tão familiar. Este procedimento foi motivado pela busca de um outro olhar sobre os seus arquivos?

A. F. - O que eu desejava fazer no *La chambre à deux lits et le cordonnier de Tel Aviv*, era mostrar que nós carregamos ainda coisas do século XVIII. E que o século XVIII tinha talvez, não respostas para hoje porque cada um pode dizer isso em função de seu século, mas ainda ecos que poderiam nos falar hoje. Eu não sei se é um outro olhar sobre os arquivos ou se é um olhar que se queria a transmissão de um século XVIII mais familiar, longe do quadro pesado das Luzes, de Diderot e da Enciclopédia, e do outro quadro tão pesado da "subida em direção à Revolução". Esta espécie de passagem de uma sociedade que se diz em mutação, mas que não se percebe em mutação, que vive das relações sociais abundantes, dos tipos de encontros que às vezes não têm nada a ver e muito a ver com hoje. Minha vontade era procurar nas fotografias, como no jornal de R. Lefort, passagens possíveis. É uma forma de tecer alguma coisa em torno das palavras entre duas épocas (o século XVIII e o XX, eu penso no período entre a Revolução e a Resistência por exemplo) onde as palavras tinham uma importância fantástica. As palavras fazem as pessoas ir para a revolução ou para a clandestinidade. Neste fim do século XX e início do século XXI nós somos órfãos de algumas palavras, de um vocabulário, de um lirismo- mesmo se é mal visto dizer isso. Eu busco, portanto, passagens

que poderiam levar este século XVIII muito efervescente, muito entusiasta apesar de sua precariedade, sua pobreza, para hoje. É uma vontade de transmissão que me inspira.

L. V. - Mas aí havia um risco, e que você superou bem, a de uma história estruturalista...

A. F.- Sim, perfeitamente. A partir deste momento, para o *La chambre à deux lits* porque a *Fracture sociale (Fratura social)* é diferente, é o desafio de rastrear. É um desafio gigantesco, já que se trata de encontrar traços nas fotografias do século XX. Esta espécie de deposição que me parecia ver, eu queria compartilhar. É algo que faz parte de uma verdadeira convicção. Eu penso que não se pode escrever duas vezes um livro assim. São tentativas que não tem continuação. Pois se me pedem depois para comentar outras fotos isso não me interessa. Sua escrita corresponde a um momento preciso, onde de repente, alguma coisa me parecia extremamente importante para definir. E isso não pode ser uma experiência de estruturalismo. Mas é verdade que a minha imersão prolongada nos arquivos me permitiu um deslocamento sem ser anacrônica, e sem estar à procura de invariantes.

L. V. - Para terminar, poderia nos dar indicações sobre o canteiro o qual você trabalha atualmente?

A. F. - Este canteiro diz respeito as formas de enunciação do sofrimento no século XVIII. As palavras, os suportes sobre os quais elas se manifestam. Por sofrimento eu entendo evidentemente, o sofrimento social, o sofrimento político, por doenças. Eu não trabalho sobre o corpo doente. Eu trabalho sobre as interações, as partilhas: como se compartilha o sofrimento no século XVIII? Como ela fala? Como ela se enuncia? Como ela é recebida? Eu acabo de lançar com a minha equipe um livro sobre a sedução do século XVI ao século XX³⁵, um assunto também provocante, um tabu na história do feminismo e da história das mulheres. A sedução como objeto histórico. E agora é preciso ter tempo para saber como ir mais longe.

³⁵ DAUPHIN, C; FARGE, A. (Éd.). *Séduction et sociétés: approches historiques*. Paris: EHESS-Seuil, 2001.